



PERFORMANCES DE MASCULINIDADES NO CONTEXTO DO VOLEIBOL: NARRATIVAS EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL¹

Leandro Teófilo de Brito²

RESUMO

Este trabalho discute a categoria masculinidade integrada a marcadores sociais para narrar desigualdades vividas por um jovem adolescente atleta de voleibol. Operacionalizo entrevista narrativa e proponho a interlocução das noções de performatividade e interseccionalidade. O diálogo entre as duas teorizações na interpretação da narrativa situa as masculinidades sob múltiplas perspectivas dentro de uma abordagem integrada, mostrando-se potente para discussão sobre gênero no campo do esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Diferenças; Voleibol.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2016 foi noticiado pelo blog especializado em voleibol *saída de rede*³ o caso do jogador canadense Chris Voth, descartado de um clube em que assinaria contrato após os dirigentes descobrirem que o atleta identificava-se como homossexual. A notícia mostra como a orientação sexual ainda é um tabu no campo do esporte, em especial entre os homens. Entretanto, desde a década de 1990 observamos atletas profissionais de voleibol assumindo publicamente a identificação homossexual (BRITO, 2015) e em 2017 será realizada a 25ª edição da Liga gay amazonense de voleibol⁴, principal campeonato voltado para atletas homossexuais e existente aqui no país desde a época da ditadura militar. Mais recentemente atletas transexuais também vem conquistando espaço na modalidade (BRITO; PONTES, 2015). A orientação homossexual e performances de gênero alternativas cada vez mais ganham visibilidade no contexto do voleibol.

Performance diz respeito a noção de performatividade de gênero, desenvolvida pela teórica feminista Judith Butler. A autora afirma que repetições de atos, gestos, encenações e movimentos particulares inscritos nos corpos dos sujeitos, configurados por aspectos linguísticos-discursivos e tendo como base a norma, buscam regular tanto gênero, como sexo e sexualidade (BUTLER, 2015a). Processo este que é contingente, pois permite ao mesmo tempo a manutenção destas normas

1 O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 UERJ, teofilo.leandro@gmail.com

3 Disponível em: <http://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2016/12/02/rejeitado-por-ser-gay-atleta-do-volei-luta-contra-preconceito-no-esporte/>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

4 Página da Liga Amazonense Gay no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ligagaydevoleyamazonense/?fref=ts>. Acesso em: 15 de março de 2017.

como possibilidades de deslocamentos de sentidos. A norma, para Butler (2015b, p.17), não se repete plenamente possibilitando assim que a ruptura esteja presente nas performances de gênero: “Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos”. Cabe colocar que o termo performance também é referido por Judith Butler na formulação da noção de performatividade de gênero, pois para a autora as duas dimensões se entrecruzam, já que a performance está dentro do processo de performatividade (BUTLER, 2014).

Em interlocução com a noção de performatividade de gênero, a potencialidade da abordagem interseccional se mostra produtiva no recorte que será apresentado por este trabalho. Buscando articular o atravessamento de identificações como gênero, orientação sexual, raça, classe, entre outras para investigar formas de opressões, a interseccionalidade é uma ferramenta analítico-política de reconhecimento de múltiplas categorias de diferenciação social, transpondo a soma destas diferenças a uma abordagem integrada (BILGE, 2009).

Deste modo, através de recorte de pesquisa realizada em tese de doutorado, problematizo a categoria masculinidade integrada a diferentes marcadores sociais que explicitam situações de desigualdades vivenciadas por um jovem adolescente⁵ atleta de base do voleibol. Na sequência apresento desenho metodológico deste trabalho.

2 METODOLOGIA

Na busca por um método que favoreça um olhar não essencializado e desnaturalizado para abordagem do objeto de pesquisa, opto pelo uso de entrevistas narrativas. A técnica escolhida, classificada como dialógica e situada no contexto de pesquisas com base no pós-estruturalismo, permite no contato entre entrevistado e entrevistador desconstruções nas formas de utilização da abordagem de entrevistas no campo das ciências humanas. O método é proposto pela cientista social argentina Leonor Arfuch que interlocuciona “tanto a concepção bakhtiniana do dialogismo e da alteridade quanto uma teoria do sujeito que considera o seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que sua voz se torna significativa” (ARFUCH, 2010, p. 32). Além de Mikhail Bakhtin, Arfuch (2010) se utiliza de autores/as como Paul Ricoeur e Joan Scott na construção desta proposta de entrevistas.

A entrevista narrativa que apresento na sequência será problematizada em perspectiva interseccional e aponta a categoria masculinidade performatizada com e através de vetores de relações sociais, indivisíveis, complexificados pela integração e somatória de desigualdades e opressões (BILGE, 2009).

3 NARRANDO PERFORMANCES, INTERSECCIONANDO AS DIFERENÇAS

O jovem adolescente atleta entrevistado tem 19 anos e é jogador da categoria juvenil em um clube situado na zona sul do Rio de Janeiro. *Boskolipe*⁶, como será

5 A opção pelo termo *jovem adolescente* enfatiza a instabilidade de ser referir a tal grupo, confirmada pela pesquisa acadêmica, pela legislação ou mesmo pelo senso comum (LEITE, 2015).

6 Conforme as questões éticas de pesquisas, o nome designado ao jovem adolescente atleta é

chamado aqui, me relata as dificuldades que vive cotidianamente para seguir jogando voleibol e marcadores como orientação sexual, classe social e deficiência estão presentes na narrativa.

Segue abaixo o trecho:

Pesquisador: Você me falou antes sobre as dificuldades que tem em continuar jogando vôlei. Pode me falar delas?

Boskolipe: Sim, são algumas. Não sei se você percebeu, mas eu acabei nascendo com um problema congênito de má formação da mão... aqui na mão direita. Mas eu tenho todos os movimentos dela e dos dedos apesar desse problema.

Pesquisador: Eu não percebi. Realmente estou vendo agora. Você já teve algum problema com os técnicos por isso, alguém não te aceitar?

Boskolipe: Não, mas no início me desencorajaram muito. O pessoal até falava “pra jogar pela escola tudo bem, mas pra ser federado em clube impossível”, o que não aconteceu. O técnico do infantil, quando eu passei na peneira falou: “nossa, você com essa mão assim joga tanto, parabéns”. Então tipo, eu acho que a minha mão nunca foi prejudicial, embora hoje no juvenil eu seja reserva. No infantil e infante eu era titular... mas sei lá. Porque também você imagina: ser *gay*, pobre e deficiente... e além de ser *gay* “dar pinta” (risos). Difícil, né?

Pesquisador: Difícil?

Boskolipe: É.. sim. Aqui mesmo, quando eu troco de categoria, o técnico novo sempre observa muito a minha mão, mas depois vê que não tem problema. Em três categorias que eu subi sempre foi assim. Agora sobre falta de grana... eu já tive muita dificuldade de vir pra cá treinar três vezes na semana, vir pros jogos no fim de semana, viajar.. tem vezes que minha mãe não tem dinheiro pra me dar e eu já faltei em treinos importantes, jogos.. vou levando, né... o técnico do juvenil cobra. Sobre ser *gay* eu tento ficar na minha, mas o técnico também já sabe, porque me vê sempre andando com os outros meninos que “são” também... mas eu tento ficar mais na minha mesmo.

Pesquisador: Ficar na sua é não “dar pinta”? Isso que você quer dizer?

Boskolipe: Isso (risos). Os técnicos geralmente falam pra gente não dar pinta, ficar assim “durinho” e não demonstrar que “é”.

Durante realização da entrevista fui surpreendido por *Boskolipe* com relato sobre o problema congênito na sua mão. Como ele mesmo narra, há no primeiro momento desconfiança dos técnicos com relação à deficiência, que pode ser justificada pelo medo do rendimento inferior do atleta. Ao vê-lo treinar e jogar, no contexto da pesquisa, não fica evidente qualquer percepção de inferioridade frente aos outros jogadores. *Boskolipe* também vai aproximar esse fato à questão de ser reserva na equipe, mas pela narrativa se percebe que também pode ser respondida pelas ausências nos treinos e jogos, relatada pelas questões financeiras. A cobrança pela performance de masculinidade normativa (não “dar pinta”) é associada à orientação sexual e também se faz importante neste quadro de análise, o que mostra, de fato, existir três categorias que se reforçam. Concordando com Butler (2015a, p.21): “Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”.

Bilge (2009) afirma que a abordagem interseccional se constitui como uma perspectiva que não é definida previamente e que pela sua mobilização contingente podem emergir eixos que apontem para novas interpretações nos registros de pesquisa. Ao narrar a autoidentificação “*gay*, pobre e deficiente”, *Boskolipe* relata

fictício e foi escolhido pelo mesmo.

as opressões que o afeta e que se mostram imbricadas à sua performance de masculinidade no contexto do voleibol.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A produtividade da interlocução entre as teorizações de performatividade de gênero e interseccionalidade situa as masculinidades, conforme o enfoque proposto por este trabalho, sob uma abordagem integrada e se mostrando potente para discussões sobre gênero em diferentes instâncias da sociedade, entre elas o campo do esporte. Conforme Bilge (2009), a abordagem interseccional viabiliza interpretação dos relatos da vida cotidiana como forma de favorecer a explicitação das interseções de subordinações que afetam os sujeitos focalizados nas pesquisas, conforme busquei apresentar no diálogo proposto pela entrevista narrativa.

A abordagem interseccional possibilita um olhar mais amplo e complexo para a leitura de processos de exclusões presentes em nossa sociedade, e, neste sentido, *Boskolipe* ao narrar sua performance de masculinidade no contexto do voleibol articulou categorias como deficiência, classe social e orientação sexual como atravessamentos identitários presentes em suas vivências no esporte e que se colocavam como entraves para se manter como jogador de vôlei reconhecido no clube.

PERFORMANCES DE LA MASCULINIDADEN EL CONTEXTO DEL VOLEIBOL: NARRATIVAS EN PERSPECTIVA INTERSECTORIAL

RESUMEN: *Este trabajo discute la categoría masculinidad integrada a marcadores sociales para narrar las desigualdades experimentadas por un joven adolescente, atleta de voleibol. Se realizo entrevista dialógica y narrativa y proponiendo un diálogo sobre las nociones de género performativo y de interseccionalidad. El diálogo entre las dos teorías en la interpretación de la narrativa situa a las masculinidades bajo múltiples perspectivas, desafiando esencialismos y mostrándose potente para la discusión sobre cuestiones de género en el campo de deporte.*

PALABRAS CLAVE: *Masculinidad; Diferencias; Voleibol.*

PERFORMANCES OF MASCULINITIES IN THE CONTEXT OF VOLLEYBALL: NARRATIVES IN INTERSECTIONAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: *This work discusses the category masculinity integrated to social bookmarks to narrate inequalities experienced by a young adolescent volleyball athlete. Dialogic and narrative interview were made and proposed a dialogue of the notions of gender performative and intersectionality. The dialogue between the two theorizing in the interpretation of narrative place the masculinities under multiple perspectives, challenging essentialisms and showing powerful for discussion about gender in the field of sport.*

KEYWORDS: *Masculinity; Differences; Volleyball*

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BILGE, S. Smuggling intersectionality into the study of masculinity: some methodological challenges. In: FEMINIST RESEARCH METHODS: AN INTERNATIONAL CONFERENCE, 2009, Stockholm. **Anais...** Stockholm, 2009, v.1, p.1-20.

BRITO, L. T. Desconstruindo a masculinidade hegemônica no meio esportivo? Uma

análise sobre o voleibol brasileiro. In: V SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS, 2015, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2015, v.1, p. 713-723.

BRITO, L. T.; PONTES, V. S. “Tiffany abreu is still one of the guys” - uma discussão sobre transgeneridade no espaço do voleibol. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2015, Vitória. **Anais...** Vitória, 2015. v.1, p.1-16.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

BUTLER, J. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. In: XV SIMPOSIO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE FILÓSOFAS, Madrid, 2014. **Anais...** Madrid, 2014, v.1, p.1-18.

LEITE, M. S. Em desconstrução: textos e contextos na educação escolar do jovem mais jovem. In: LEITE, M. S.; GABRIEL, C. T. (Orgs.). **Linguagem, discurso, pesquisa e educação**. Rio de Janeiro: DP et alli, 2015, p. 321-350.